

PROMETEUS

FILOSOFIA EM REVISTA



PROMETEUS - VIVA VOX - DFL - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
Ano 4 – número 8 Julho-Dezembro / 2011

APRESENTAÇÃO

Em meados de abril deste ano tivemos a notícia (cf. <http://voyager.jpl.nasa.gov/mission/index.html>) de que as naves Voyager 1 e 2, lançadas em 1977, estão nos limites da heliosfera e a ponto de penetrarem no espaço interestelar. Essa informação nos traz à memória Carl Sagan (1934-1996), cientista e astrônomo norte-americano que se dedicou não só à docência (foi professor de astronomia e ciências espaciais na Universidade de Cornell e professor visitante no Laboratório de Propulsão a Jato do Instituto de Tecnologia da Califórnia) e à exploração espacial (consultor da NASA desde os anos 50, tomou parte do Projeto Apollo, chefiou os projetos Mariner e Viking, e participou das missões Voyager e Galileu), mas também se consagrou à divulgação científica, através de uma série de livros e programas televisivos, entre os quais se destaca a série (e o livro) Cosmos.

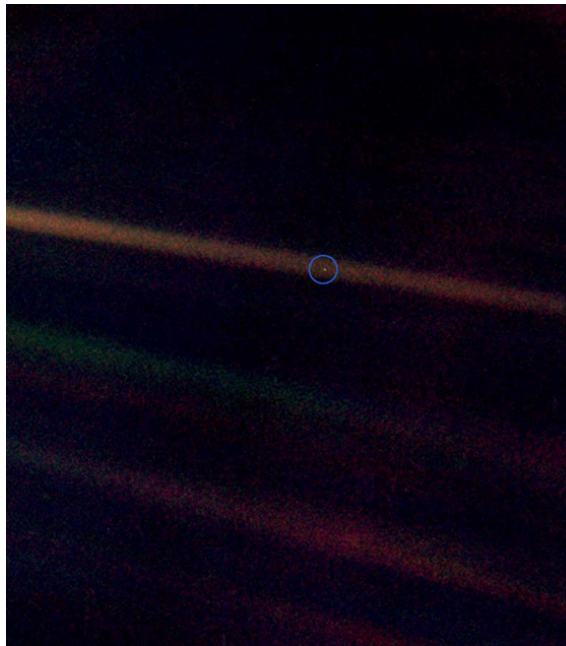
Em um século marcado tanto pelo desenvolvimento tecnológico e científico quanto pelo obscurantismo dos nacionalismos e fundamentalismos religiosos, Sagan tomou para si a tarefa de divulgar não só a ciência, mas também a filosofia em sua acepção originária. Num dos programas da série Cosmos, Sagan observa que hoje estaríamos fazendo viagens interestelares caso a tradição inaugurada por Tales de Mileto e seguida pelos demais “Físicos” tivesse prevalecido: “Se os jônios tivessem vencido, creio que, nesse momento, já estaríamos rumando para as estrelas” (Cosmos 3, episódio 8, viagens pelo tempo e espaço, cena “De volta ao passado”).

Ainda quanto à filosofia, Sagan pôs em prática de forma pública e inusitada um dos princípios fundamentais da filosofia socrática, o ‘Conhece a ti mesmo’, através de um interessante experimento. Em fevereiro de 1990, a Voyager 2, voando pelo espaço inter-planetário a 60 mil quilômetros por hora, recebeu da Terra uma mensagem que a

fez redirecionar suas câmeras para o planeta da qual provinha e tirar 60 fotos, as quais nos enviou diligentemente ao longo dos meses seguintes. A nave encontrava-se então a 6 bilhões de quilômetros da Terra. A ideia para tal foi do próprio Sagan, que queria com isso:

Ajudar no processo contínuo de nos revelar nossa verdadeira circunstância e condição. Os cientistas e filósofos da Antiguidade clássica tinham compreendido muito bem que a Terra era um simples ponto num vasto cosmo circundante, mas ninguém jamais a vira nessa condição. Essa era a nossa primeira oportunidade. (Sagan, Pálido Ponto Azul, capítulo 1).

As fotos, uma das quais reproduzimos na capa da presente edição e outra apresentamos abaixo, mostram a terra como não mais que um pálido ponto azul nas proximidades do Sol:



(Fonte: <http://www.gui.pro.br/astrologia/Sagan/sagan.htm>)

Contemplando tal ponto, Sagan escreveu:

Devido ao reflexo da luz do Sol na nave espacial, a Terra parece estar pousada num raio de luz, como se nosso mundo tivesse um “significado especial”. Mas é um acidente de geometria óptica. O Sol emite sua radiação equitativamente em todas as direções. Se a foto tivesse sido tirada um pouco mais cedo ou um pouco mais tarde, nenhum raio de Sol teria dado mais luz à Terra.

Daquele ponto distante de observação, a Terra talvez não apresente nenhum interesse especial. Para nós, no entanto, ela é diferente.

Olhem de novo para aquele ponto. É ali. É a nossa casa. Somos nós. Naquele ponto, todos os que amamos, todos os que conhecemos, de quem ouvimos falar, todos os seres humanos que já existiram, vivem ou viveram as suas vidas.

Toda a nossa mistura de alegria e sofrimento, todas as inúmeras religiões, ideologias e doutrinas econômicas, todos os caçadores e coletores, heróis e covardes, criadores e destruidores de civilizações, reis e camponeses, jovens casais apaixonados, pais e mães, todas as crianças, todos os inventores e exploradores, professores de moral, políticos corruptos, “superastros”, “líderes supremos”, todos os santos e pecadores da história de nossa espécie, ali - num grão de poeira suspenso num raio do Sol.

A Terra é um palco muito pequeno em uma imensa arena cósmica. Pensem nos rios de sangue derramados por todos os generais e imperadores para que, na glória do triunfo, pudessem ser os senhores momentâneos de uma fração desse ponto. Pensem nas crueldades infinitas cometidas pelos habitantes mal distinguíveis de algum outro canto em seus frequentes conflitos, em sua ânsia de recíproca destruição, em seus ódios ardentes.

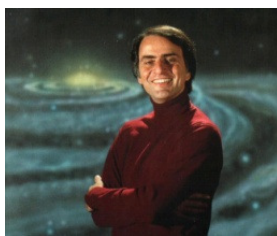
Nossas atitudes, nossa pretensa importância, a ilusão de que temos uma posição privilegiada no universo, tudo é posto em dúvida por esse ponto de luz pálida. O nosso planeta é um pontinho solitário na grande escuridão cósmica circundante. Em nossa obscuridade, no meio de toda essa imensidão, não há nenhum indício de que, de algum outro mundo, virá socorro que nos salve de nós mesmos.

A Terra é, até agora, o único mundo conhecido que abriga a vida. Não há nenhum outro lugar, ao menos em futuro próximo, para onde nossa espécie possa migrar. Visitar, sim. Estabelecer-se, ainda não. Goste-se ou não, no momento a Terra é o nosso posto.

Tem-se dito que Astronomia é uma experiência que forma o caráter e ensina humildade.

Talvez não exista melhor comprovação das loucuras da vaidade humana do que esta distante imagem de nosso mundo minúsculo. Para mim, ela sublinha a responsabilidade de nos relacionarmos mais bondosamente uns com os outros e de preservarmos e amarmos o pálido ponto azul, o único lar que conhecemos.

(SAGAN, Pálido ponto azul, Capítulo 1, *Fonte:* <http://www.gui.pro.br/astrologia/Sagan/sagan.htm>).



Carl Sagan (1934 – 1996 – site oficial: <http://www.carlsagan.com/>)